



Traduzindo Babel: teoria e recuperação tradutológica de textos da Bíblia Hebraica - um estudo de caso em Gênesis 11,1-9

*Translating Babel: theory and tradutological recovery of
Hebrew Bible texts – a case study in Genesis 11,1-9*

LUCAS MERLO NASCIMENTO ^a

SUZANA CHWARTS ^b

Resumo

O artigo consiste numa proposta de tradução do texto bíblico de Gênesis 11,1-9, a narrativa sobre a Torre de Babel, por meio da qual se possa recuperar no texto-língua-cultura de chegada algumas características e experiências do texto original, pertencente a uma língua e cultura bastante diferente, respeitando tais diferenças pelo estranhamento. Para tanto, empregamos os procedimentos tradutórios adotados por Martin Buber e Franz Rosenzweig, comprometidos com o texto hebraico, e de outros que, com diferentes preocupações, trilharam caminhos semelhantes, como Haroldo de Campos e Henri Meschonnic, que ressaltam a necessidade de uma certa liberdade poética para lograr uma maior aproximação com o texto literário original. Iniciamos com um panorama teórico, passando pelos objetivos da presente tradução, seu lócus de produção, as características textuais e culturais do texto original, as estratégias de tradução e a tradução em si, para, por fim, explicitar as estratégias tradutórias no texto em questão.

Palavras-chave: Tradução. Gênesis 11. Babel. Buber. Rosenzweig.

^a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutor em Teologia, e-mail: merlo.lucas@hotmail.com

^b Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. Doutor em Língua, Literatura e Cultura Judaicas, e-mail: schwarts@usp.br

Abstract

This paper proposes a translation of Genesis 11:1-9, the narrative about the Tower of Babel, that contemplates the meanings, the literary strategies and the oral experience of the ancient Hebrew text, employing the principle of strangeness of the foreign text, as exemplified in the translation procedures adopted by Martin Buber and Franz Rosenzweig, who were committed to the source text and the Biblical Hebrew language and expression. The experience of other translators, such as the poets Haroldo de Campos and Henri Meschonnic, who emphasized the poetic freedom in order to come closer to the literary original text, is also taken into account. This paper offers a theoretical overview of both approaches and then go on to consider the objective of the Babel's narrative translation presented here by the authors, its locus of production and its textual and cultural characteristics.

Keywords: Translation. Genesis 11. Babel. Buber. Rosenzweig.

Introdução

Traduzir um texto é sempre desafiador, uma vez que, por um lado, pressupõe-se procedimentos definidos e, por outro, exige-se certa arte: criatividade poética, ainda mais quando se trata de textos da cultura (textos literários, poéticos e religiosos), em oposição a textos técnicos. Neste contexto, a reflexão teórica sobre a tradução é reflexão que *acontece fazendo*. Para fazer coro com Meschonnic (2010), a prática é a teoria e a teoria é a prática.

Assim considerado, o artigo apresenta um exercício de tradução e teorização do texto bíblico de Gênesis 11,1-9, conhecido como a narrativa da Torre de Babel. A escolha do texto é paradigmática ao universo da tradução: a narrativa conta-nos sobre a diversidade de línguas e a confusão da comunicação humana. Por “exercício”, entende-se a tradução em ação, porém explicitando as escolhas conscientes e caminhos tradutológicos.

É importante explicitar, primeiramente, o objetivo da tradução, que definirá a abordagem tradutológica. Isto porque, no processo de tradução “ou se distancia o texto do leitor de chegada, para o qual a tradução se destina,

através da sua versão dita literal, ou se lhe aproxima o texto adaptando-o aos hábitos da cultura de chegada” (VERMEER, 1986, p. 7). Propomos uma abordagem por meio da qual se possa recuperar e reproduzir no texto-língua-cultura de chegada, algumas características do texto de partida, pertencente a uma língua e cultura bastante diferentes, cientes do risco de, ao manter-se formalmente e estilisticamente próximo do texto de partida, tornar o texto “mais distanciado do leitor de chegada do que o era para o leitor de partida” (VERMEER, 1986, p. 7). Este é o risco natural determinado pelo objetivo da tradução. E “não há tradução sem indicação (implícita ou explícito) do objetivo (VERMEER, 1986, p. 13).

Para tal tarefa, aproximamo-nos dos procedimentos tradutórios de Martin Buber e Franz Rosenzweig, comprometidos com o texto de partida, e cientes da necessidade de certa liberdade poética a fim de recuperar a experiência textual em outra língua.

Iniciamos com um breve panorama teórico, ressaltando propostas que nos auxiliem na tarefa. Após definirmos os objetivos da presente tradução e seu lócus de produção, passamos a considerar as características textuais e culturais do texto de partida. Delineamos as estratégias de tradução e apresentamos a tradução para, por fim, explicitar a aplicação das estratégias tradutórias no texto em questão.

Fundamentos teóricos

Vermeer (1986, p.40) reconhece o caráter intuitivo no processo de traduzir, mas afirma que, para além deste, a tradução precisa ter suas estratégias e objetivos explicitados. Para o autor, a *fideli*dade da tradução deve ser compreendida mais como *fideli*dade ao objetivo estabelecido do que, necessariamente, como *fideli*dade não intencionalmente refletida no texto de partida. Em seu esboço teórico, Vermeer baseia-se na ideia do ato de traduzir como um ato comunicativo (VERMEER, 1986, p.6-7), portanto a pergunta

sobre o que comunicar é fundamental: pode-se transmitir a mensagem desejada sem ater-se a questões formais; por outro lado, pode-se buscar transmitir também informações estilísticas, como no caso de textos literários, o que, por vezes, implica uma menor simplificação da mensagem. Vermeer privilegia a efetividade da comunicação enquanto transmissão da mensagem, ainda que reconheça possibilidades distintas diante de objetivos e propostas diferentes. Privilegiando a “mensagem”, a proposta de Vermeer caminha próxima à teoria de Eugene Nida, da “equivalência dinâmica”.

Por outro lado, diferentes tradutores teceram reflexões críticas a uma postura tradutológica domesticadora, atenta apenas ao conteúdo, à “mensagem”, focada no texto de chegada, cada qual com suas reflexões teórico-práticas próprias, cujas peculiaridades específicas e detalhadas fogem ao escopo do artigo (cf. MESCHONNIC, 2010; BERMAN, 2012, BUBER; ROSENZWEIG *apud* WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006)¹.

Numa perspectiva não domesticadora do texto a ser traduzido, o estranhamento não é algo que deva ser eliminado, mas faz parte da condução do leitor ao mundo do texto, e não o contrário. Quanto ao texto bíblico, este estranhamento permite um deslocamento epistemológico: ao reconhecer que o texto bíblico não é “doméstico” ao leitor contemporâneo e ocidental, este é convidado a adentrar um mundo diferente. Neste sentido, o estranhamento, marcado pelas características próprias do texto bíblico em sua língua original exige, como forma de recuperar a experiência de leitura, respeito e criatividade na tradução. Vemos esse “estranhamento” como elemento presente na prática tradutológica de Buber e Rosenzweig (WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006), Haroldo de Campos (2000; 2004a; 2004b), Meschonnic (2010) e Berman (2012).

¹ Cada um dos tradutores teóricos tem importantes contribuições para a reflexão, para além das aqui ressaltadas, que extrapolam a binaridade forma x sentido. São reflexões, por exemplo, liberdade e criatividade, história da tradução e re-tradução, poética e política do traduzir etc.

Nesta trajetória, tradução não é apenas equivalência semântica, nem mesmo mera tradução “palavra por palavra”, mas é também poética, atenta à sonoridade, oralidade, respiração e ritmo do texto literário. Traduzir, portanto, não faz parte da identidade e da domesticação, mas do estranhamento, da alteridade, da recriação e da reinvenção da poética. Para tanto, valoriza-se, por um lado, o resgate do ritmo poético e dos sinais de oralidade e, por outro, a imaginação e a criatividade particular do tradutor, ferramenta essencial na busca de soluções tradutológicas.

Com maior detalhamento, destacamos a proposta tradutológica de Buber e Rosenzweig², que visa recuperar a oralidade da leitura em voz alta do texto bíblico. Os autores partem de certa “teologia da palavra de Deus, para Deus e sobre Deus”, que não pode ser reduzida ao mero registro textual, mas está presente na recuperação da mesma na recitação, considerando-se a oralidade do texto, que fora composto para ser falado e ouvido (WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006, p. 310-311; CARVALHO NETO, 2004, p. 55).

Assim, não apenas a semântica deve ser levada em conta, mas também as relações formais e acústicas: a naturalidade das pausas de respiração, as assonâncias e aliterações, assim como a manutenção de palavras ou raízes de palavras que se repetem no texto hebraico (*Leitwort*)³, que não são apenas recursos estilísticos, mas fazem parte da produção de sentido do texto (WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006, p. 310-311.320; CARVALHO NETO, 2004, p. 55-56).

Nesse processo, ainda que tecnicamente seja impossível reproduzir todos os fenômenos do texto original, na prática o tradutor deve esforçar-se, considerando os limites da língua para a qual se traduz. Assim, deve lançar mão da liberdade de expansão lexical, neologismos e utilização de termos

² Utilizamos aqui os excertos da obra *Scripture and Translation*, selecionados por Weissbort e Eysteinsson (2006, p. 310-322).

³ Expressão utilizada por Buber & Rosenzweig.

obsoletos para levar a cabo seu projeto (WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006, p. 318).

Oliveira (2002, p. 74), a partir de sua análise de uma “filosofia judaica da tradução”, sintetiza as características do texto bíblico hebraico resgatadas por Buber e Rosenzweig:

um ritmo, uma musicalidade, enfim, uma respiração própria (que podiam ser encontradas na Septuaginta, mas que se perderam a partir da Vulgata); uma repetição proposital de vocábulos e expressões para entrelaçar pensamentos e textos, e, além disso, um caráter alusivo, historicamente localizado.

Segundo Oliveira (2002, p.74), as noções que permeiam tal prática tradutória derivam de um “entrelugar” da cultura alemã e judaico-rabínica e desdobram-se em posturas tradutológicas de “expansão, de fidelidade e de tradução literal, que permite à língua original se fazer mais visível no contexto da língua da tradução, incitando, portanto, uma forma de diálogo interlinguístico e intercultural”.

Ainda como reflexão teórica específica sobre a tradução bíblica, destacamos a consciência do tradutor no processo de tradução de textos sensíveis. Carvalho Neto (2004, p. 47) e Gohn (2001, p. 149) sintetizam o conceito de “textos sensíveis”, seguindo a proposta de Karl Simms. Os textos sensíveis são aqueles que criam objeções por parte do leitor devido a questões ligadas ao Estado, à religião, a uma percepção específica de decência e a certas pessoas em sua individualidade. Para cada uma das sensibilidades, há um motivo de censura: sedição, blasfêmia, obscenidade, calúnia. Assim, “a sensibilidade de um texto não está nele, mas na forma como o texto é visto. A sensibilidade não é, portanto, uma propriedade imanente ao texto” (GOHN, 2001, p. 149).

No caso dos textos religiosos, Gohn (2002, p. 149) destaca o vínculo emocional dos leitores, assim como as reações, por vezes extremadas, que

podem ser notadas na história da tradução da Bíblia, por exemplo⁴. Como prevenção a tais sensibilidades, conduzimos o leitor a pensar no texto bíblico não como propriedade deste ou daquele grupo, mas como um dos grandes textos da humanidade permite ser abordado com diferentes olhares, inclusive tradutológicos.

Tradução: objetivo e lócus

A tradução bíblica é de tradição bastante antiga. Já no séc. III.C, parte da Bíblia Hebraica fora traduzida ao grego. Seja para fins religiosos, acadêmicos ou apenas estéticos, muitas já foram as finalidades das traduções. Quanto ao texto selecionado neste artigo, Gênesis 11,1-9 fez parte da agenda de diversos tradutores modernos e contemporâneos: Martin Buber, Henri Meschonnic, Haroldo de Campos e André Chouraqui, para além das traduções bíblicas populares e convencionais de grupos religiosos.

Em nossa tradução propomos uma aproximação que permite recuperar, no texto final, algumas características significativas do texto hebraico. Com esse intuito, adotamos, portanto, estratégias tradutórias atentas ao “estranhamento” do original. Outras opções tradutológicas seriam viáveis, enfatizando-se o sentido do texto e tendo como critério a cultura de chegada. Porém, a proximidade com o texto de partida, dita filológica/literal (mas não apenas), segue mais de perto o interesse de biblistas e estudantes (WEISSBORT; EYSTEINSSON, 2006, p. 310).

Essa escolha em produzir uma tradução próxima ao texto de partida está ligada, e não poderia ser diferente, ao lócus de atuação dos tradutores: os estudos da Bíblia Hebraica. Daí a prioridade em se produzir um texto – que

⁴ No momento que escrevemos este artigo, tramita na Câmara dos Deputados um incompreensível projeto de lei que proíbe “alteração, edição ou adição aos textos da Bíblia”, algo que se opõe à história secular da exegese e tradução da Bíblia e que pode afetar significativamente o processo tradutológico.

espelhe criativamente o original – mais do que outro que se adapte à estrutura da língua e cultura de chegada. Tal estranhamento produzido tem, pois, caráter didático: é um método de conduzir o estudante da Bíblia Hebraica a levantar suspeitas sobre o texto e sua cultura, motivadas por esta distância explicitada na tradução. Não é didático no sentido de facilitar a leitura, mas de suscitar questões e produzir curiosidade: o estranhamento move-nos a conhecer o que nos é estranho.

Texto hebraico

Esclarecidos o objetivo e o lócus de produção tradutória, passamos a apresentar algumas questões introdutórias quanto ao texto selecionado, uma vez que, apesar de ser conhecido, do ponto de vista religioso, indiscutivelmente pertence a outra cultura. Segue o texto original, em hebraico.

11 וַיְהִי כָּל־הָאָרֶץ שְׂפָה אַחַת וּדְבָרִים אַחָדִים׃² וַיְהִי בְנוֹסְעִם
 3 מִקֶּדֶם וַיִּמְצְאוּ בְקָעָה בְּאֶרֶץ שִׁנְעָר וַיֵּשְׁבוּ שָׁם׃³ וַיֹּאמְרוּ אִישׁ אֶל־
 רֵעֵהוּ הִבֵּה נָלְבְּנָה לְבָנִים וְנִשְׂרָפָה לְשָׂרָפָה וְתֹהִי לָהֶם תְּלַבְּנָה לְאַבְנֵי
 4 וְתַחֲמֹר הִיָּה לָהֶם לְחֹמֶר׃⁴ וַיֹּאמְרוּ הִבֵּה וְנִבְנֶה־לָּנוּ עִיר וּמִגְדָּל
 5 וְרֹאשׁוֹ בַשָּׁמַיִם וְנַעֲשֶׂה־לָּנוּ שֵׁם פֶּן־נִפּוֹץ עַל־פְּנֵי כָּל־הָאָרֶץ׃⁵ וַיִּרְדּוּ
 6 יְהוָה לִרְאוֹת אֶת־הָעִיר וְאֶת־הַמִּגְדָּל אֲשֶׁר בָּנוּ בְּנֵי הָאָדָם׃⁶ וַיֹּאמֶר
 יְהוָה תֵּן עִם אָחֵד וְשִׂפָּה אַחַת לְכֻלָּם וְזֶה תַחֲלֹם לַעֲשׂוֹת וְעַתָּה לֹא־
 7 יִבְצֹר מֵהֶם כָּל אֲשֶׁר יִזְמֹן לַעֲשׂוֹת׃⁷ הִבֵּה גִרְדִּיה וְנִבְלֶה שֵׁם שְׂפָתָם
 8 אֲשֶׁר לֹא יִשְׁמְעוּ אִישׁ שְׂפַת רֵעֵהוּ׃⁸ וַיִּפֹּץ יְהוָה אֹתָם מִשָּׁם עַל־פְּנֵי
 9 כָּל־הָאָרֶץ וַיִּחְדָּלוּ לְבָנֹתָ׃ הָעִיר׃⁹ עַל־כֵּן קָרָא שְׁמָהּ בְּבָל כִּי־
 שָׁם בָּלַל יְהוָה שְׂפַת כָּל־הָאָרֶץ וּמִשָּׁם הִפִּיצָם יְהוָה עַל־פְּנֵי כָּל־
 הָאָרֶץ׃ ׀

Em linguagem narrativa, o texto apresenta a origem da diversidade das línguas a partir da atuação divina e motivada pelo orgulho humano. Mas a narrativa é plena de ambiguidades. A situação inicial aparenta ser idílica: a nova humanidade, regenerada pelo dilúvio, migra, em sua totalidade, para um só lugar e, dotados de uma só língua, os homens encontram-se em tal estágio de conectividade que o outro é chamado “seu companheiro”, e todos

compartilham as mesmas palavras, pensamentos e ações. A humanidade unida, afinal. O oposto de Cain e Abel.

Interpõe-se o orgulho⁵: ao construir a cidade e a torre, e se fixar no lugar, desejam também erguer para si “um nome”, serem reconhecidos como “a civilização”. Diante disso, Deus confunde suas línguas, fazendo com que o homem não entenda mais o seu companheiro, e os dispersa pelos quatro cantos do mundo, exatamente o que temiam. É o fim da comunicação natural entre os homens. A narrativa constitui uma crítica mordaz à civilização babilônica, seus zigurates, sua arrogância imperialista e a partir desse momento a Babilônia (heb. *bavel*⁶) será sempre conhecida como o lugar onde Deus confundiu (heb. *balal*) a língua dos homens.

A narrativa figura em um conjunto de ciclos narrativos que visam explicar a origem das coisas: do universo, da maldade, das artes e da civilização. Sua função é, portanto, etiológica: explicar a variedade das línguas e sua relação com Babel. Neste contexto, é flagrante, no discurso divino em Gn 11,6 o paralelo com a expulsão do homem e sua mulher do *Gan*, jardim, do *Eden* (Gn 3,23)⁷.

Considera-se que esse texto pertence a uma tradição oral consolidada em escritura no período do exílio babilônico (597- 538 a.E.C), ou pouco posterior a ele, como forma de preservação da identidade. Essa hipótese é fundamentada nas referências explícitas ao vale de Shin'ar e Babel – referências à região da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, atual

⁵ Conferir a referência ao orgulho babilônico na mensagem do livro profético de Isaias 14,13-14.

⁶ Adotamos, quando necessário, a transliteração fonética que tem como propósito a pronúncia correta das palavras hebraicas pelo leitor leigo.

⁷ Note-se ainda o vínculo com o ciclo de Abraão (Gn 12-25): em Abraão, o “projeto” de Babel se realiza enquanto promessa divina – ser uma grande nação e engrandecer o nome. As bênçãos de Deus a Abraão não se darão ali (heb. *sham*), mas na terra de suas peregrinações, em seu exílio. Tanto a narrativa própria da torre de Babel quanto a relação dela com seu contexto literário maior possuem ironias literariamente interessantes. Para chegar à torre cujo topo chegue aos céus, YHWH precisa descer. E depois, YHWH realizará em Abraão o projeto de Babel.

Iraque, berço de grandes civilizações como Suméria, Acádia, Assíria e Babilônia (SCHWANTES, 2007, p. 75-76; WENHAM, 1987).

Percurso tradutológico

Como dissemos, apresentaremos uma tradução que prioriza o princípio da estranheza do texto hebraico original, uma vez que a compreensão dessas estranhezas faz parte da tarefa de estudantes e pesquisadores em sua aproximação ao texto da Bíblia hebraica. Para tal, seguimos algumas diretrizes constantes na tradução de Martin Buber (1878-1965) e Franz Rosenzweig (1886-1929) do hebraico bíblico para o alemão, buscando resgatar na língua de chegada as características da língua de partida por meio da “hebraização da sintaxe (...) e da recuperação do conteúdo hebraico de cada palavra, levando em conta, outrossim, a oralidade do texto” (CARVALHO NETO, 2004, p. 55). Sucintamente apresentamos as três estratégias principais de Buber e Rosenzweig (CARVALHO NETO, 2004, p. 55-57; CAMPOS, 2004b, p. 30-31):

1. Recuperação da oralidade do texto marcada pelas pausas para tomada de fôlego (respirações) e pelo ritmo estrutural (entonação e intensidade do movimento). Tais características são marcadas no texto de partida pelos sinais massoréticos⁸.
2. Palavra-guia: palavra ou radical que se repete dentro da narrativa e em outros textos da Bíblia Hebraica, conferindo-lhe sentido e estabelecendo intertextualidades.
3. Seleção vocabular: manter relações entre certas palavras da Bíblia Hebraica com raízes semelhantes ou sons semelhantes (ritmo fonético).

⁸ Sinais masoréticos foram colocados no texto hebraico por editores (massoretas) da Idade Média para marcar pausa (respiração), direção, ênfase/entonação. Os sinais massoréticos correspondem a um conjunto de 27 sinais, sendo 9 principais e 18 secundários (CAMPOS, 2000, p. 21-22).

Tais estratégias são compartilhadas por Haroldo de Campos (1929-2003), ainda que se reconheça que o tradutor “está sob uma dupla lei, a da sua língua e a da língua alheia” (CAMPOS, 2004b, p. 31). Por isso, acresce a tais estratégias certa abertura à criatividade poética (CAMPOS, 2004b, p. 31), principalmente quando essa possibilita um ajuste quanto à seleção vocabular, a fim de manter a raiz e sons semelhantes, auxiliando-nos no resgate filológico (CARVALHO NETO, 2004, p. 56).

Em traduções modernas, a presença dos sinais massoréticos pode ser notada nas obras de Henri Meschonnic (CAMPOS, 2000, p. 21-22), Buber e Rosenzweig (CARVALHO NETO, 2004, p. 55) por meio de espaçamentos maiores em lugares em que originalmente se encontrariam alguns desses sinais. Haroldo de Campos criou seu próprio sistema para registrá-los (CAMPOS, 2000, p. 43-44; CAMPOS, 2004a, p. 11-15). Nessas obras, a finalidade do registro desses sinais é o resgate da “respiração” natural da oralidade do texto. Com o fim de considerar tais sinais na presente tradução, notamos:

1. Na Bíblia Hebraica os sinais são discretos, inseridos nas e entre as palavras.
2. Os sinais, portanto, intervêm pouco na visualização do texto, com exceção do sinal de pausa maior, chamado *silluq*.
3. A pouca intervenção dos sinais no texto dá-se pela condensação do espaço material na escrita hebraica.
4. Na Bíblia Hebraica, os sinais precisam ser decifrados, mas eles não são óbvios, demandando conhecimento prévio para leitura.

Sendo assim, adotamos uma notação discreta, que constitui, ainda, uma *hipersimplificação* dos sinais massoréticos: um primeiro passo para decifrá-los.

Adotamos como caractere-base a barra (/), por ser discreta e identificar separação. Segue que:

- *Silluq*, maior pausa do Bíblia Hebraica, é representada por barra tripla ///.
- *'Atna*, segunda maior pausa que divide em duas partes a pausa maior, é representada por barra dupla //.
- *Zaqeph* grande e pequeno, pausa média, representada por barra única /
- Sinais menores, que sinalizam ênfases e entonações, direção e pequenas pausas, representados pela barra sobrescrita [^].

Resultado tradutório

Feita a jornada por questões metodológicas acerca da abordagem tradutória, apresentamos o resultado do processo tradutório de Gênesis 11,1-9:

E ocorreu a toda a terra / lábio único // e palavras / únicas /// E ocorreu / no deslocar deles desde o leste // e encontraram um vale / na terra de Shin'ar / e assentaram-se Ali /// E disseram / um homem ao seu companheiro / Vem! / tijolifiquemos tijolos / e queimemos / em queima // E ocorreu / a eles / o tijolo / por pedra / e a lama-massa / ocorreu a eles / por lama-liga /// E disseram / Vem! / engendremos para nós cidade / e torre / e seu topo nos céus / e concretizemos a nós / Nome // senão nos dispersaríamos / sobre as faces de toda a terra /// E desceu YHWH / para ver a cidade / e a torre // que engendraram / os gerados do rubro-humoso /// E disse YHWH / Eis povo único / e lábio único / para todos eles / e isto / o começar deles a concretizar // e agora / não se bloqueia desd'eles / tudo que consideram / concretizar /// Vem! / desçamos / e baguncemos Ali / o lábio deles // que / não compreendam / homem / o lábio de seu companheiro /// E fez dispersar / YHWH / a eles desde Ali / sobre as faces de toda a terra // e cessaram / de engendrar a cidade /// Por isso / chamou o nome dela / Ba[gunça]bel / pois Ali / bagunçou YHWH / o lábio de toda a terra // e desde Ali / fez dispersar a eles YHWH / sobre as faces / de toda a terra ///

Segue-se a tradução marcada com cores, negritos e sublinhados a fim de localizar as correspondências de palavras, raízes e outras estratégias tradutórias.

E ocorreu a **toda a terra** / **lábio** único // e palavras / únicas /// E ocorreu / no deslocar deles desde o leste // e encontraram um vale / na terra de Shin'ar / e assentaram-se **Ali** /// E disseram / um **homem ao seu companheiro** / **Vem!** / **tijolifiquemos tijolos** / e **queimemos** / em **queima** // E ocorreu / a eles / o **tijolo** / por pedra / e a **lama-massa** / ocorreu a eles / por **lama-liga** /// E disseram / **Vem!** / **engendremos** para nós **cidade** / e **torre** / e seu topo nos céus / e concretizemos a **nós** / **Nome** // senão nos **dispersaríamos** / **sobre as faces de toda a terra** /// E desceu YHWH / para ver a **cidade** / e a **torre** // que **engendravam** / os gerados do rubro-humoso /// E disse YHWH / Eis povo único / e **lábio** único / para todos eles / e isto / o começar deles a **concretizar** // e agora / não se bloqueia des'deles / tudo que **consideram** / **concretizar** /// **Vem!** / desçamos / e **baguncemos Ali** / o **lábio** deles // que / não compreendam / **homem** / o **lábio** de **seu companheiro** /// E **fez dispersar** / YHWH / a eles desde **Ali** / **sobre as faces de toda a terra** // e cessaram / de **engendrar** a **cidade** /// Por isso / chamou o nome dela / **Ba[gunça]bel** / pois **Ali** / **bagunçou** YHWH / o **lábio** de **toda a terra** // e desde **Ali** / **fez dispersar** a eles YHWH / **sobre as faces** / de **toda a terra** ///

Explicitação das estratégias

Com fins de objetivar as estratégias tradutórias, ou seja, mostrar como foram aplicadas no texto escolhido, alguns exemplos podem ser notados:

1. Manutenção da sintaxe hebraica: repetiu-se no português o uso da conjunção “e” na sequência narrativa (e ocorreu... e encontraram... e assentaram-se... e disseram... e desceu...), reverberando os constantes *vav*'s do hebraico bíblico; construções formadas por verbo+substantivo de mesma raiz foram mantidas: “tijolifiquemos tijolos” e “queimemos em queima”; construções que não seguem a concordância da Língua Portuguesa, como a concordância de número entre sujeito e verbo: e disseram um homem ao seu companheiro.
2. Manutenção dos respiros e ritmo estrutural: utilização das barras.
3. Palavra-guia: observa-se que “toda a terra” (*kol-ha'arets*), “lábio” (*safah, sefat*) e “ali” (*sham*) aparecem todos cinco vezes no texto. A

repetição dessas palavras e expressões direcionam e estruturam o texto em um padrão simétrico. O arranjo entre tais palavras formam uma espécie de moto: “toda a terra ali falava um mesmo lábio” ou ainda “de ali os lábios foram espalhados por toda a terra”.

4. Seleção vocabular: manutenção de assonâncias, raízes e recuperação do conteúdo hebraico das palavras: lábio (e não língua); tijolifiquemos tijolos (heb. *nilbenah levenin*); engendraram os gerados (do latim *ingenere* e *genere* respectivamente, heb. *banu/bene*); consideravam concretizar (heb. *'asher/ 'asot*); lama-massa/lama-liga (*chemar/ chomer*); rubro-humoso (assumindo a relação do hebraico entre humano-terra-vermelho), Ba[gunça]bel/ bagunçou (*bavel/balal*). Ressalta-se ainda as dificuldades encontradas para os seguintes casos: encontrar um verbo que indique um convite, convocação, mas com semântica próxima a “dar”, como o hebraico *havah*. Neste caso, optou-se por “vem”. Também não foi possível marcar a aliteração entre “ali” (*sham*) e “nome” (*shem*), por isso grafamos ambas iniciando em maiúscula.
5. Criatividade poética: neologismos e usos não comuns: tijolificar; rubro-humoso, Ba[gunça]bel; engendrar (construir), gerados (filhos), lama-massa (argila) e lama-liga (argamassa).

Considerações finais

Fazemos coro com Haroldo de Campos (2004A: 71) quando ele ressalta que a “operação tradutória” é uma forma de “desbabelizar Babel”. O processo tradutório é, pois, um meio de compreensão entre os seres humanos, mesmo das mais díspares culturas. Porém, tal compreensão não pode ser feita por mera domesticação e identificação, mas por estranhamento e alteridade. Neste sentido, dialeticamente, a operação tradutória é também “rebabelizar Babel”, ou seja, trazer uma cultura tão distante para dentro da cultura

contemporânea, na qual Babel, o mito e a cultura que carrega já não são conhecidos. É verdade que o texto de Babel, por ser bíblico, é bastante conhecido, mas não sob o prisma da estranheza, da alteridade, do estrangeiro. Tendo sido domesticado, do ponto de vista religioso, para fins dogmáticos; dificilmente foi lido como, de fato, é: um relato estranho pertencente a outra cultura.

Para tal fim, visou-se contribuir a presente tradução, assim como as reflexões tradutológicas que a cercam. Neste sentido, percorreu-se o caminho de tradutores como Buber e Rosenzweig, Haroldo de Campos e Henri Meschonnic, que, sob perspectivas diferentes, resgataram o elemento estranho no texto, a fim de revitalizá-lo. Dessas constantes revitalizações surgem muitas outras, como esta que aqui se apresentou.

Referências

- BAUMGARTNER, W. KOEHLER, L. *The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 2000.
- BERMAN, A. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012.
- BERNARDINI, A. F. A Tradução e Haroldo de Campos. *Rev. Estudos Orientais*, São Paulo, n. 5, 2006.
- BIBLEWORKS. *BibleWorks 10*, 2015. (software)
- CAMPOS, H. de. *Bere'shith: a cena da origem*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- CAMPOS, H. de. *Éden: um tríptico bíblico*. São Paulo: Perspectiva, 2004a.
- CAMPOS, H. de. *Qohélet/O-que-Sabe: Eclesiastes: poema sapiencial*. São Paulo: Perspectiva, 2004b.
- CARVALHO NETO, G. L. Haroldo de Campos e Martin Buber como tradutores bíblicos: semelhanças e diferenças em suas agendas analisadas à luz da Teoria da Relevância. *Rev. Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 16, p. 105-128, 2005.
- CARVALHO NETO, G. L. *Haroldo de Campos e Martin Buber como tradutores do hebraico Qohélet: uma análise do produto de segmentos das traduções à luz da Teoria da Relevância*. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- CHOURAQUI, A. *No princípio (Genesis)*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

DEL BARCO, J. Temporalidad, aspecto, modo de acción y contexto en el verbo hebreo bíblico. *Rev. MEAH*, n. 52, p. 3-24, 2003.

ELLIGER, K.; RUDOLPH, W.; WEIL, G. E. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1977.

FRANCISCO, E. de F. *Manual da Bíblia Hebraica*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GOHN, C. Pesquisas em torno dos textos sensíveis: os livros sagrados. In: PAGANO, A. S. (org.). *Metodologias de Pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

HOLLADAY, W. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KIRST, N.; KILPP, N.; SCHWANTES, M.; RAYMANN, A.; ZIMMER, R. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MESCHONNIC, H. *Poética do traduzir*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

OLIVEIRA, M. C. C. de. O pensamento judaico tradutório: Franz Rosenzweig em diálogo com Benjamim, Derrida e Haroldo de Campos. *Rev. Em Tese*, Belo Horizonte, v. 5, p. 71-79, dez. 2002.

SCHWANTES, Milton. *Proyectos de esperanza: meditaciones sobre Génesis 1-11*. Lima: Equipo de Coordinación de Lectura Pastoral de la Biblia, 2007.

SOARES, E. *Septuaginta: guia histórico e literário*. São Paulo: Hagnos, 2009.

VERMEER, H. J. *Esboço de uma teoria da tradução*. Porto: Edições ASA, 1986.

WEISSBORT, D.; EYSTEINSSON, A. *Translation – theory and practice: a historical reader*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

WENHAM, G. J. *World Biblical Commentary: Genesis 1-15*. Dallas, Texas: World Books, 1987.

RECEBIDO: 02/06/2022
APROVADO: 08/07/2022

RECEIVED: 06/02/2022
APPROVED: 07/08/2022